

relatório 2020

casa neon cunha





ficha técnica

Textos

Symmy Larrat

Arte e Diagramação

Mariana Jorge

Revisão

Cosmo Silva

Colaboração

Paulo Araújo

Raí Neres

Neon Cunha

créditos

Fotos da capa

Arquivo Casa Neon Cunha

Getty Images

Freepik

Mídia Ninja

@steroidbeyonce/IG

diretoria

- **Paulo Araújo**, presidente
- **Alexandra Fortes Thedim Costa**, vice-presidente
- **Cosmo da Silva**, secretário-geral
- **Francisco Coelho da Silva**, tesoureiro

conselho fiscal

- **Igor Moura Augustinelli** (*in Memoriam*)
- **Mariana Gabriela Araujo**
- **Raimundo Neres**

voluntaries

- **Bernardo Giovanne Amancio**
- **Jaime Ferreira Nunes Filho**
- **Ian Hayala dos Santos**
- **Talia Albuquerque de Souza**
- **Juliana Alves de Oliveira**
- **Tamyres Visgueira**
- **Marcia Kazue Takara**

índice

I. Mensagem de nossa patrona Neon Cunha.....	4
II. Sonhar junto com Paulo Araújo.....	6
III. Nossa Inspiração. Quem é Neon Cunha?.....	8
IV. Um cenário da pop. LGBTQIA+ em SBC e no ABC.....	10
V. A Casa Neon Cunha e a resposta comunitária a ausência estatal.....	14
VI. Como enfrentamos esta pandemia.....	16
VII. Censo LGBTQIA+ de SBC.....	18
VII. Um recorte sobre quem somos nós.....	20
VIII. Sugestões para o enfrentamento à violência contra LGBTQIA+.....	22
IX. Agradecimentos.....	24



Neon Cunha Patrona

Na primeira caminhada promovida pela Casa Neon Cunha, em 2018, eu resolvi ser invisível. Durante quase toda a minha vida, tenho usado esta estratégia de sobrevivência. Em muitos momentos, é preciso estar oculta, e a questão maior é o tempo que se leva até ser detectada pelo outro. Naquela caminhada, a intenção era apenas ver e sentir como a força das mais diversas pessoas LGBTQIA+ pode, quando unidas, promover uma transformação.

Foi nesse dia que conheci Igor, colaboradore e entusiaste desse projeto. Conversamos sobre arte, música e cultura em geral. Apresentei a Igor a história de Leigh Bowery, uma artista performática australiana que, além de promover de clubes e estilista, era uma questionadora incansável do gênero enquanto norma imutável. Óbvio que nascia ali uma relação de admira-

ção. Igor era uma pessoa não binária, autista, que detinha uma intensidade de vida, apesar de também sofrer com a depressão. Foram poucas as nossas trocas, mas muito significativas. Igor morreu por meio de suicídio no final de 2020. Ainda sinto sua intensidade e respiro seus sonhos.

Nas vésperas do natal de 2019, encontrei com outra participante da Casa Neon Cunha. Diferente de Igor, era negra e em situação de rua. Também de uma rara beleza, estava dançando e dublando Vogue, a música já clássica da Madonna. Impressionante ver a competência de transformar o mínimo em imensidão. Embora tenha se apresentado com outro nome naquele momento, Ester revelou ali que sua vivência era a de ser uma travesti vivendo na rua há um bom tempo. Não só pelo gosto musical, mas principalmente pela sua urgência em existir, me enxerguei nela. Ester morreu em novembro de 2020 com 80% do corpo queimado, apenas três dias antes de comemorar seus 34 anos, e provavelmente não terá seu nome na lápide.

Duas vidas jovens, cheias de sonhos e vontades. Em uma ponta, a colaboradore e, na outra, a assistida pela Casa. Em comum, um projeto em curso de uma sociedade mais digna e acolhedora da pluralidade promovida pelas vivências LGBTQIA+.

Esse ano eu completo 51 anos, e 39 de trabalho. Sim, comecei muito cedo. Nascida e crescida na ditadura, vivenciei inúmeras violências, passei por outras tantas sujeições, e vi não só São Bernardo se transformar, como boa parte da região



desfrutar a beleza que
está na diversidade,

**no existir com
liberdade**



metropolitana do Grande ABC e da Capital também. Esperava muito mais das políticas públicas voltadas para as populações negligenciadas em seus direitos, onde governantes os negam de forma perversa, e ainda os confundem com seus privilégios.

Receber em vida a homenagem de um projeto que pretende promover mais do que o acolhimento assistencial, que está comprometido com a transformação de uma estrutura social onde o medo e o ódio substituíram os sonhos e a celebração da

vida, é também assumir a responsabilidade de que tenho tanto afirmado: me mantenho viva para que as próximas gerações não passem pelo que passei. É para que os sonhos de Igor e Ester se tornem realidade. Nem mais e nem menos, queremos o direito de sermos quem somos com toda a dignidade humana.

Só assim as próximas gerações serão mais potentes, as anteriores respeitadas, e a de agora desfrutará a beleza que está na diversidade, no existir com liberdade, porque todos os sonhos são possíveis.

Nossa humanidade está adoecida!

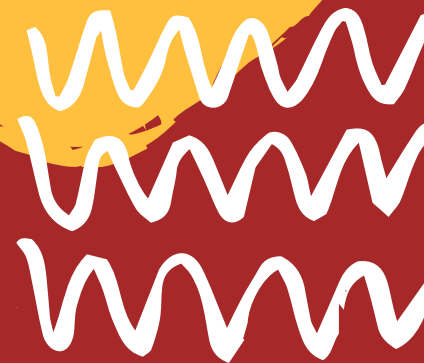
Ou ousamos lutar por ela ou morreremos sem ter valido a pena. As violências que sofri e assisti me injetaram sede de justiça. Em algum momento quis ficar só, mas **percebi que posso sonhar junto**. Por isso escolhi estar entre iguais que são tão diferentes, mas que têm a mesma sede de justiça e que querem caminhar de mãos dadas com os nossos.

Sem deixar nenhum pra trás, indo onde ninguém quer mais ir para estar com quem ninguém quer estar, e que sonham um único sonho:

A Casa Neon Cunha

Paulo Araújo
Presidente e Fundador





sonhar junte





nossa

inspiração



QUEM É NEON CUNHA?

Foto: Keiny Andrade/UOL

“Neon é uma mulher negra, ameríndia, transgênero, que hoje articula junto à marcha das mulheres negras. Uma ativista independente, formada em Publicidade e Propaganda. Também é formada em Arte e Educação, com especificidade nas artes plásticas, o que me dá essa capacidade de fala, inclusive”. Essa apresentação aliás é dela mesma em uma das inúmeras entrevistas que costuma ceder à imprensa.

Neon retificou nome e gênero nos documentos antes mesmo dessa questão ser

um direito conquistado no STF, sem a necessidade de apresentação de laudo médico, isso mesmo, antes de conseguirmos essa vitória, esta mulher que chamamos de inspiração já atuava contra a patologização das transgeneridades.

Terceira filha de dez e a mais velha deles, Neon nasceu no interior de Minas Gerais em um a família humilde. Sua mãe foi faxineira e seu pai metalúrgico. Trabalha há 38 anos na prefeitura de São Bernardo do Campo, onde começou como mensageira e atualmente é Diretora de Arte da área de comunicação.

Ela já recebeu da Alesp (Assembleia Legislativa de São Paulo) a Medalha Theodo-

sina Ribeiro, que homenageia mulheres que se destacam na sociedade. Além disso, se dedica a pesquisar sobre o imaginário do invisível e tem feito outros trabalhos de forma independente, sempre que possível, envolvendo a população de rua e encarcerada, além do tráfico de pessoas.

Neon nos inspira porque não teme enfrentar o SISTEMA que manipula e assassina as existências LGBTQIA+, mas, se vocês querem saber mesmo porque nos inspiramos tanto e a chamamos assim, dá uma pesquisada nas redes e escute uma de suas entrevistas, duvidamos que também não irão se convencer e inspirar.



CENÁRIO DA POP. LGBTQIA+ EM SBC E NO ABC

Pesquisa do VOTE LGBT com a **Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)** e **Universidade de Campinas (Unicamp)**, publicada no dia 17 de maio de 2020, dia mundial de combate à LGBTQIA+fobia, aponta que as LGBTQIA+ estão mais vulneráveis ao desemprego e à depressão por causa da pandemia de Covid-19. Não diferente foi o posicionamento da **Organização das Nações Unidas (ONU)** em abril do ano passado, em um comunicado que reconheceu que a pandemia do novo coronavírus “está exacerbando as dificuldades da população LGBTI+” e que essa minoria “muitas vezes encontra discriminação e estigmatização ao buscar serviços públicos e é mais vulnerável à violência e outras violações de direitos humanos”.



Foto: Arquivo Casa Neon Cunha

No Brasil, após a vitória dos operadores de ódio nas últimas eleições em 2018, uma verdadeira guerra às expressões de gênero, aos direitos, movimentos e em especial às pessoas LGBTQIA+ e feministas tomou conta do país. Não à toa os assassinatos a esta população tem aumentado nacionalmente, segundo dados da **Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (ANTRA)** o assassinato de pessoas trans até agosto do ano passado aumentou 70% em relação ao mesmo período do ano anterior. Mesmo após um ano da conquista da criminali-

zação da homofobia e transfobia pelo **Supremo Tribunal Federal** (STF) nenhum estado brasileiro nem o governo Federal realizaram nenhuma ação para sua aplicabilidade. Em ofício da **Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexo** (ABGLT) até 2020 apenas 161 casos de homofobia e transfobia foram tipificados na Lei 7.716/1989 e nenhuma unidade da Federação apontou orientações nítidas para sua aplicação, mantendo esta população insegura no país que mais mata LGBTQIA+.

Rejeitados pela família, expulsos de casa e ignorados pelo Estado: essa continua sendo a realidade de muitos jovens LGBTQIA+. Segundo uma pesquisa realizada pela Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS) da Prefeitura de São Paulo, entre 5,3% e 8,9% do total da população em situação de rua na capital são LGBTs. Além disso, 63% dos jovens de 18 a 25 anos, relatam sentir rejeição total ou parcial dos familiares após “saírem do armário” e apenas 59% revelam sua orientação sexual para a família.

Segundo pesquisa do aplicativo Mona Migs, mais de 60% das pessoas conhecem alguém que foi expulso de casa por ser LGBT. A mesma pesquisa relata, porém, um outro lado luminoso dessa moeda sombria: 55,5% das pessoas acolheriam uma pessoa LGBT em situação de urgência, destituída de uma residência.

A ausência de dados precisos e fiéis à realidade anuncia a dificuldade em se criar políticas públicas voltadas para a população de rua em geral, mas também deixa ainda mais explícita a invisibilidade desses que já são invisíveis perante a sociedade.

Comum aos desamparados, o nível de vulnerabilidade agrava-se à medida que se transita por cada identidade da sigla LGBTQIA+.

Dados da SMADS também apontam que pessoas LGBTQIA+ em situação de rua declararam que não puderam ser atendidas nos centros de acolhimento por conta da orientação sexual ou identidade de gênero.

No ABC não é diferente. A região é formada por sete (07) cidades com cerca três (03) milhões de pessoas. São Bernardo é a que tem maior área territorial e maior população, e por ser o núcleo de fluxos pendulares entre estas cidades, serve também como casa dormitório para os LGBTQIA+ em extrema vulnerabilidade.

Os municípios do ABC, inclusive São Bernardo, são locais de migração de pessoas LGBTQIA+, principalmente do norte e nordeste, que vêm em busca de melhores condições de vida, inclusive algumas vítimas de tráfico de pessoa. Sendo assim, diversas regiões de São Bernardo concentram pessoas LGBTQIA+ em extrema vulnerabilidade socioeconômica, principalmente as que trabalham com prostituição; estando muitas destas em situação de rua, vivendo em pensionatos e em ocupações irregulares, com pouco ou quase nenhum acesso à políticas públicas de habitação, saúde e de educação, vivendo em situação precária.

Em São Bernardo do Campo não há espaços de lazer pra juventude, nem políticas que contemplem à diversidade sexual e de gênero. Sem abrigos específicos, com uma rede frágil de abrigo é comum a negação de acolhida à pessoas trans femininas em espaços de mulheres.

Grande parte das violências sofridas por pessoas LGBTI+ ocorrem principalmente no lugar que deveria lhes servir de proteção e acolhimento: a casa da família. Por outro lado, as diversas LGBTI+ que já estão afastadas ou com vínculos familiares completamente rompidos e/ou não conseguem se manter em casa estão ainda mais vulneráveis às diversas violências já enfrentadas, seja no âmbito do trabalho e/ou nas ruas.

Para todas elas, ações emergenciais precisaram ser desenvolvidas nesse período pandêmico, tanto no que concerne à orientação jurídica, psicossocial e de redução de danos, como a promoção de espaços virtuais de debates e informações. Assim como nos impôs atuação na segurança alimentar com acesso a alimentos e também materiais de higiene para sua proteção e prevenção à pandemia.

Nesse processo de cuidado e atenção a essas pessoas percebemos que algumas demandas como:

a) dificuldade de acesso e permanência na educação básica: violações são relatadas no espaço escolar, nos sistemas de matrícula, pouca atenção do corpo docente às demandas, discriminações no momento do uso do banheiro, fatores que provocam a “evasão” escolar;

b) dificuldade no acesso a ou condições precárias de moradia: com vínculos familiares rompidos ou esgachados, vivências de abandono familiar e baixa escolaridade, é comum que estas pessoas tenham inúmeras dificuldades de acesso aos programas sociais, ou, por vezes, são exploradas no mercado imobiliário;

c) migração forçada: a falta de políticas públicas dirigidas à proteção e à promoção da inclusão da população na sua localidade de origem provocam sua migração para regiões mais desenvolvidas como o ABC Paulista, em especial São Bernardo do Campo;

d) expulsão do convívio familiar: muitas famílias não aceitam o fato de pessoas LGBTQIA+ existirem e não sabem como lidar e reproduzem o discurso de ódio o que gera expulsão ou a fuga por sobrevivência da juventude LGBTQIA+ ou sua manutenção em âmbito familiar vi-

venciando, na maioria das vezes, um processo de tortura, física ou psicológica;

e) prostituição e marginalização: recorrer à prostituição ou a serviços como o tráfico de drogas como única alternativa de sobrevivência é comum por conta de tantas exclusões, em especial com a população Transgênera;

f) acesso insuficiente a serviços de saúde e acompanhamento médico: mesmo com o processo transexualizador garantido no SUS, este não é um serviço comum de encontrar nas Unidades Básicas de Saúde, sendo assim, ainda é comum que pessoas trans utilizem de hormônios de forma clandestina, sem acompanhamento médico e São Bernardo, mesmo tão próximo da capital, nunca promoveu em sua rede municipal acesso a serviços, hormônio e cirurgia a esta população;

g) brutalidade e abuso policial: a abordagem policial agressiva e inadequada é relato comum entre esta população, sobretudo a jovem que está ou nas ruas ou sem espaços adequados para lazer e cultura;

h) patologização e burocratização nos atendimentos: os serviços públicos não promovem atendimento humanizado em geral repercutindo opressão de gênero e o não reconhecimento das orientações sexuais e identidades de gênero dissonantes das normativas.

Desde dezembro de 2018, mesmo sem sede física, a Casa Neon Cunha vem tentando vencer esta realidade, atuando com a população de São Bernardo do Campo, realizando diversas atividades de formação política e solidariedade com intuito de promover autonomia das pessoas LGBTQIA+, sobretudo as pessoas transgêneras.



a casa
neon cunha:
resposta
comunitária
a ausência
estatal

A Casa Neon Cunha pretende ser um espaço de acolhimento a pessoas LGBTQIA+ de São Bernardo do Campo expulsas de casa e/ou em situação de rua, ofertando abrigo e passagem além de atuação de rede para o resgate da autonomia e dignidade destas pessoas.

Queremos prestar serviços de orientação psicológica, social, jurídica, redução de danos e educação social à pessoas LGBTQIA+ em São Bernardo e região do ABC; Ofertar abrigo às LGBTQIA+ expulsas de casa e/ou em situação de extrema vulnerabilidade; Ofertar atendimento emergencial a pessoas LGBTQIA+ em situação de rua durante o dia; e Promover a sociabilidade e convivência produtiva, atuando em rede para ofertas de capacitações, preparação ao mundo do trabalho, formação cidadã e acesso a serviços.

Se em 2021 conseguirmos o espaço físico, diversos apoiadores ampliarão sua confiança em nossa capacidade técnica e diversos diálogos já estabelecidos ganham ainda mais força para sua execução final.

Nosso espaço físico servirá não só para o abrigo dessas pessoas, mas também para a promoção de espaço de sociabilidade e convivência onde promoveremos articulações políticas potentes com outros movimentos sociais e organizações de pessoas trans, que poderão usar o espaço para suas atividades, além de juntar esforços na promoção da cidadania e autonomia destas pessoas.

NOSSOS OBJETIVOS SÃO:

1

Implantar e manter em funcionamento os serviços da Casa Neon Cunha 24 horas por dia, por meio de uma unidade física e composição de equipe para abrigamento de 32 pessoas trans;

2

Articular e realizar acolhimento e atendimento social com atenção especializada em proteção aos direitos humanos e promover regulação e monitoramento das demandas oriundas do acolhimento junto às redes de garantia de direitos (Sistema de Justiça) e de proteção social (SUS e SUAS) para além de outras;

3

Promover na unidade física e a partir de busca ativa espaços de sociabilidade e convivência por meio de oficinas, debates e atividades artístico-culturais para pessoas, grupos, coletivos e organizações de pessoas trans;

4

Realizar através de articulação com sindicatos, parceiros e indústrias, ações de empregabilidade como cursos e orientações, além de tentar captar vagas de emprego.

enfrentando a pandemia



Como já sinalizamos, a pandemia nos impôs a necessidade de remanejar os esforços que existiam de captação para montagem da casa, para o cuidado emergencial desta população devido os impactos da pandemia a esta população, como a sobrevivência de quem atua de forma autônoma por conta da dificuldade de acesso à educação e ao mundo do trabalho; as dificuldades em lidar com ambiente hostil no local de trabalho; e a convivência familiar forçada por conta das medidas de distanciamento social. Organizamos campanhas de arrecadação, contamos com assessoria de captação e conseguimos arrecadar alimentos, roupas, cobertores e materiais de higiene.

De maneira emergencial durante este período realizamos as **entregas de duas mil, setecentos e vinte (2.720) cestas básicas e kits hígienes que foram acompanhados de cadastro social e mapeamento de demandas de cerca de duzentas (200) pessoas atendidas**. Sempre com ajuda de parceiros que para além de doarem, ajudaram com gasolina, espaço físico, dinheiro e muita atenção e solidariedade.

Nosso campo de atuação também levou em consideração as pessoas que vivem em situação de rua, para tanto também atuamos ofertando, kits de higiene e alimentos a estas pessoas, para além da atuação de rede e atividades de cuidado e autocuidado.

Em nosso trabalho durante a pandemia, onde estivemos atuantes no que concerne ao cuidado e atenção a estas pessoas, não só na distribuição de itens de higiene, alimentação e EPI's (Equipamentos de Proteção Individuais), mas também na articulação de rede para atendimento a estas pessoas. Por conta de tanta demanda, construímos um cadastro de cerca de 200 pessoas. Entre as necessidades, o acompanhamento psicológico foi um deles. Nesse sentido, duas parcerias foram essenciais para atendermos estas demandas: a USCS (Universidade de São Caetano do Sul) e a UNIP (Universidade Paulista). Com seus laboratórios de psicologia, essas duas instituições de ensino prestaram atendimento gratuitos a nossos assistidos. Também contamos com psicólogos parceiros individuais.

Com as parcerias chegamos a 40 pessoas assistidas com acompanhamento psicológico que apontaram:

- Solidão;
- Abandono familiar;
- incongruências emocionais que podem ser entendidas como dificuldade de expressão dos afetos ou de comunicar e/ou identificar verbalmente aquilo que sente;
- Sofrimento psíquico intenso em virtude de experiências vividas como violência e rejeição;
- demandas jurídicas acerca de violências sofridas;
- depressão pro falta de emprego e dificuldades em acessar o mundo do trabalho;

O Transfeminicídio e a violência extrema também fizeram parte de nossos atendimentos cotidianos, entre elas destacam-se os assassinatos registrados em São Bernardo do Campo. Em 2020, dos 304 assassinatos de LGBTQIA+ registrados em todo Brasil, cinco (05) foram em São Bernardo do Campo e todas eram travestis. Quatro delas, assassinadas com requintes de crueldade. Uma carbonizada, outra queimada viva, duas baleadas e uma esfaqueada, sendo que quatro delas em locais públicos e três durante seu trabalho na prostituição.



censo LGBTQIA+ de SBC

Para implementação de políticas públicas é necessária muita vontade política, mas como sabemos que a LGBTQIA+fo-bia institucional está instalada no DNA do poder público e não assistimos no momento em nossa cidade nenhuma ação que sinalize a vontade política de mudar essa realidade, vivenciamos um cenário de inexistência de projetos, programas ou ações voltadas a nossa população.

A desculpa sempre começa com a justificativa de ausência de dados acerca da nossa população, o que é verdade. O Estado Brasileiro se nega a quantificar a existência de pessoas como nós, o censo do IBGE não indaga nem sobre identidade de gênero, nem sobre orientação sexual, que dirá sobre outras questões como intersexualidade.

Para diminuir esse fosso entre nós e ao acesso a serviços públicos e para fortalecer os diálogos possíveis que possam ser promovidos com este documento, decidimos no segundo semestre de 2020 realizar uma breve pesquisa com os nossos e denominamos, numa tentativa de constrangimento explícito aos agentes do poder, seja ele de qualquer esfera, de **CENSO LGBTQIA+ DE SÃO BERNARDO DO CAMPO**.

Chegamos a 156 respostas, parte delas respondidas espontaneamente pela internet e outra parte resultado da parceria com a USCS que disponibilizou estagiaries para contatar nossa lista de pessoas atendidas durante a pandemia. Entendemos a dificuldade de acesso à internet e o acesso à pessoas transgêneras, sobretudo negras. Reconhecemos que esta realidade está expressa em nossa tentativa de conhecer mais sobre nossa população, mesmo com dificuldades financeiras e logísticas para esta execução, mas decidimos realizar mesmo assim e compartilhar os resultados com todes.

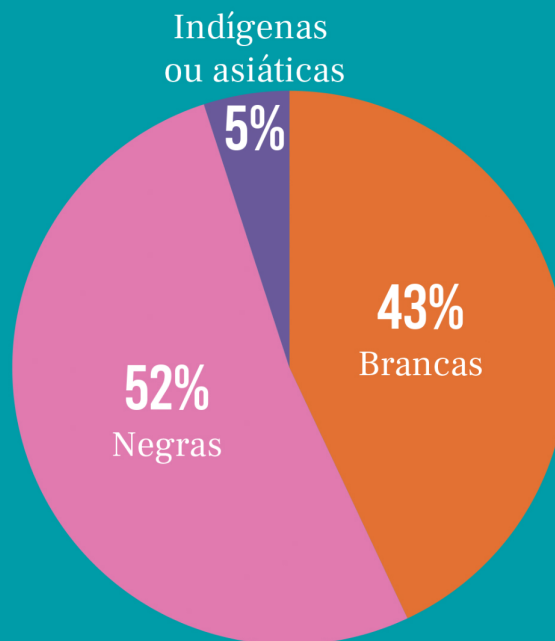
Das pessoas entrevistadas, 43% se declararam brancas; 52% negros (16% negros retintos) e o restante indígenas ou asiático. Em relação ao gênero, 67% se declararam Cisgêneros (23% femininos e 44% masculinos); 23% Transgêneros (10% femininos, 8% masculinos e 5% não binários); 5% das pessoas são intersexos ipsogêneros; 3% masculino e 2% feminino e o restante não declarou. No que se refere à orientação sexual, 62% são homossexuais, 12% heterossexuais, 24% Bissexual, 1% assexual e 1% demissexual.

A maioria das pessoas, 78% não possuem CadÚnico. 89% não se inscreveu em nenhum programa social, ou seja, cerca de 11% das pessoas que tem cadastro no CADÚNICO não se inscreveram em nenhum programa. O acesso à moradia sempre foi um problema pra nossa população. Das entrevistadas, 42% residem em imóvel alugado; 39% residem em imóvel próprio da família; 10% está em abrigos e 9% em imóvel cedido. A autonomia financeira tão sonhada ainda é precária entre nós. 16% ganham mais de três salários mínimos; 34% até três salários mínimos e 27% até um salário. Porém, 23% não possuem renda alguma. E mais: 47% das pessoas que nos responderam alegam que estão desempregadas e 28% são autônomas trabalhando na informalidade. Apenas 25% trabalham com carteira assinada.

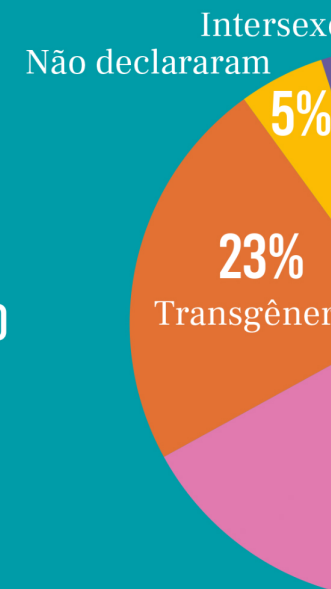
Somente 32% dos entrevistados chegaram ao ensino superior; 10% completos e 22% incompletos. 54% frequentou até o ensino médio e 75% até o fundamental. A pandemia modificou a dinâmica de 64% das entrevistadas. 20% perderam o emprego; 14% não conseguem exercer sua profissão e 30% mudaram a forma de trabalhar.

UM RECORTE SOBRE O

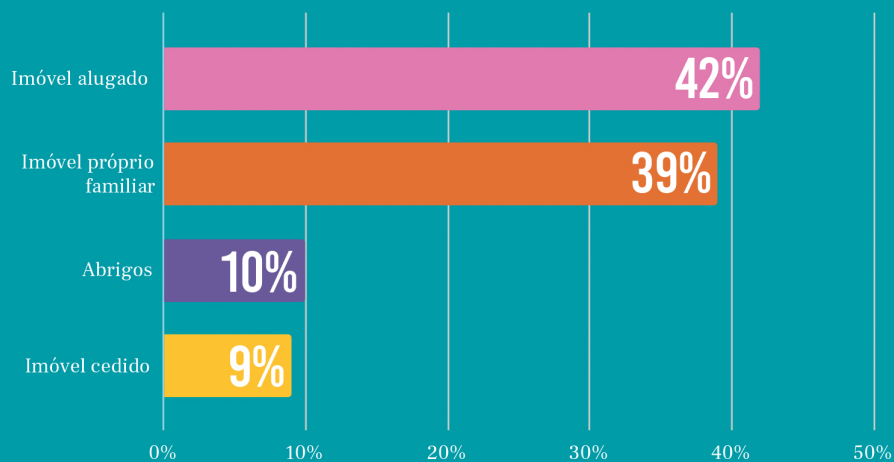
RAÇA



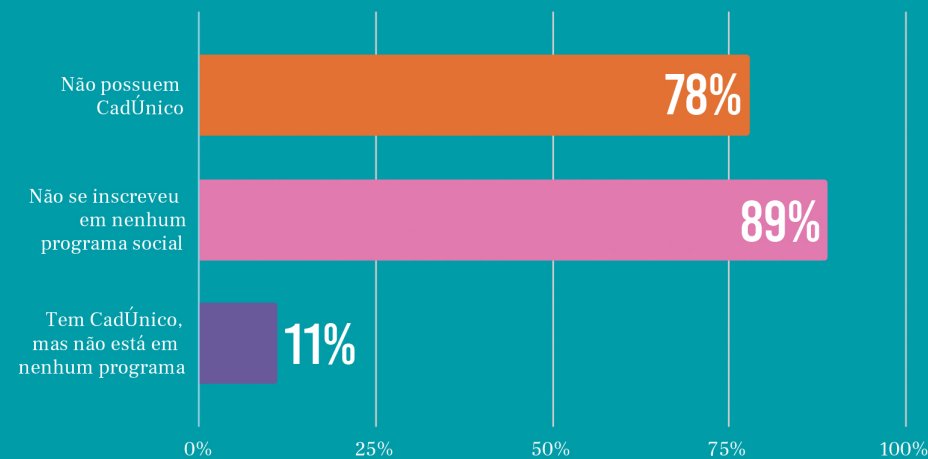
GÊNERO



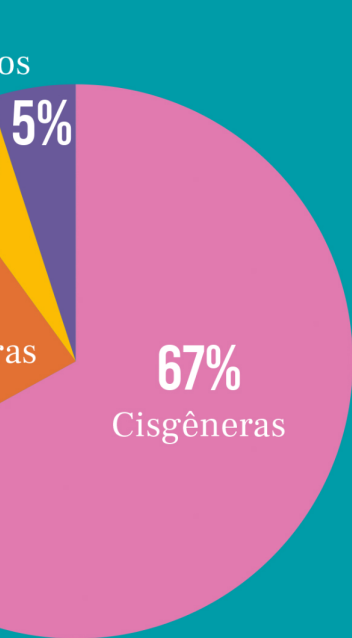
ACESSO À MORADIA



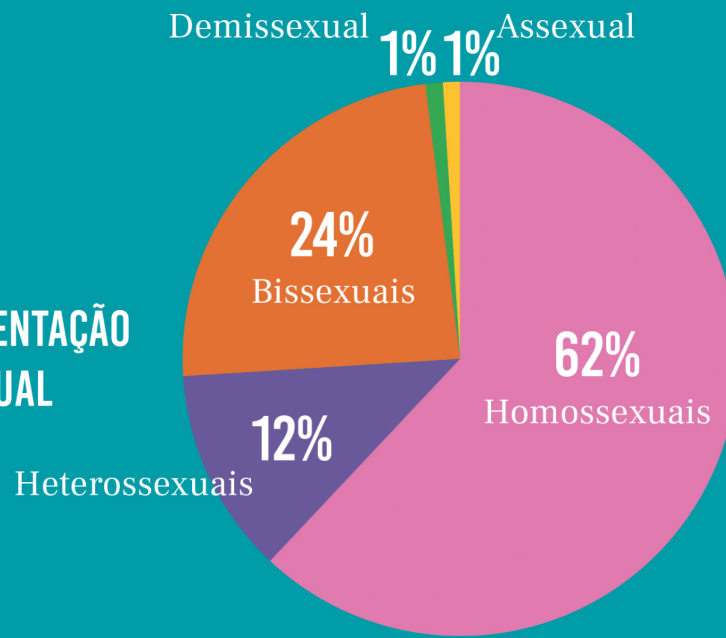
ACESSO À PROGRAMAS SOCIAIS



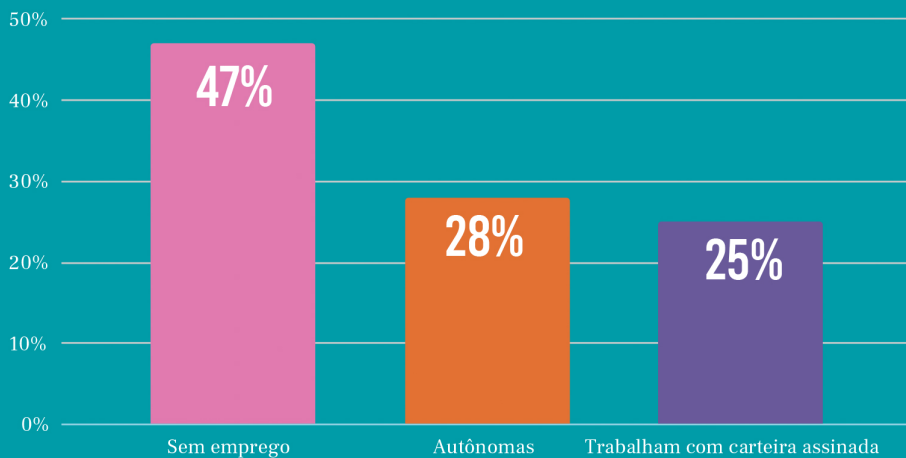
QUEM SOMOS NÓS



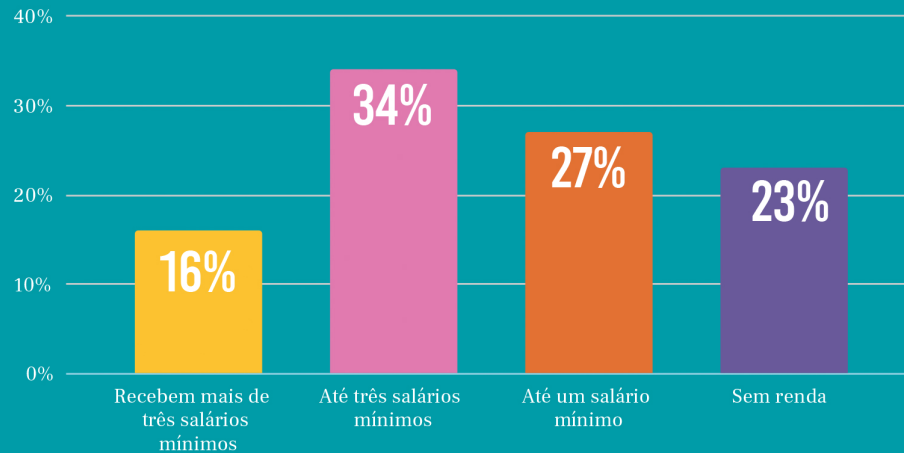
ORIENTAÇÃO SEXUAL



EMPREGABILIDADE



SITUAÇÃO FINANCEIRA



sugestões para o
enfrentamento
à violência contra
LGBTQIA+

PARA O PODER PÚBLICO:

- a)** Respeitar institucionalmente as identidades de gênero, reconhecendo o direito à autodeclaração de gênero, incluindo o nome social em formulários, cadastros, banco de dados e outras ferramentas administrativas do serviço público e facilitando a troca no sistema de nomes e gêneros retificados em cartório;
- b)** Promover o acesso de pessoas LGBTQIA+ em programas sociais, promovendo mutirões e identificando vítimas da violência LGBBTQIA+fóbica como prioridades no acesso;
- c)** Constituir uma rede de proteção, promoção e defesa das pessoas LGBTQIA+;
- d)** Buscar parcerias para instalação de serviços da rede municipal de saúde para realização das readequações necessárias de gênero como hormonização e cirurgias;
- e)** Garantir o acesso e permanência desta população à educação;
- f)** Preparar todos os agentes públicos ao atendimento humanizado a estas pessoas;
- g)** Encaminhar ao legislativo projeto de lei que isente empresa que contratam LGBTQIA+, sobretudo negres;
- h)** Propor cotas à pessoas LGBTQIA+ em todos os concursos públicos e em processos licitatórios de empresas;
- i)** Realizar cadastro de agentes culturais LGBTQIA+ e promover editais fomentadores desse fazer cultural;
- j)** Financiar abrigos específicos à pessoas LGBTQIA+, incluir o acesso de mulheres trans e travestis em abrigos femininos;

PARA O LEGISLATIVO:

- a)** Aprovar legislações de promoção dos direitos, empregabilidade, renda e acesso de LGBTQIA+;
- b)** Aprovar renda básica municipal que inclua as LGBTQIA+;
- c)** Promover espaços de visibilidade das pautas dos movimentos sociais;
- d)** Contratar na Câmara e em mandatos pessoas LGBTQIA+.



agradecimentos



APEOESP

Autumn Sonnichsen

Caraxi

Centro POP

Coordenação Municipal de IST-AIDS

Cris Naumovs

CUT - Sub sede ABC

Diego Amaral e família

Electrolux

Frente Parlamentar LGBTQIA de SP

Gilead – Creating Possible

Mães pela Diversidade



Mandata Quilombo Erica Malunguinho - Dep. Estadual SP

Mandata de Erika Hilton - Vereadora São Paulo/SP

Natura

Pepsico

Press Pass

Renner

Sindicato dos Bancários do ABC

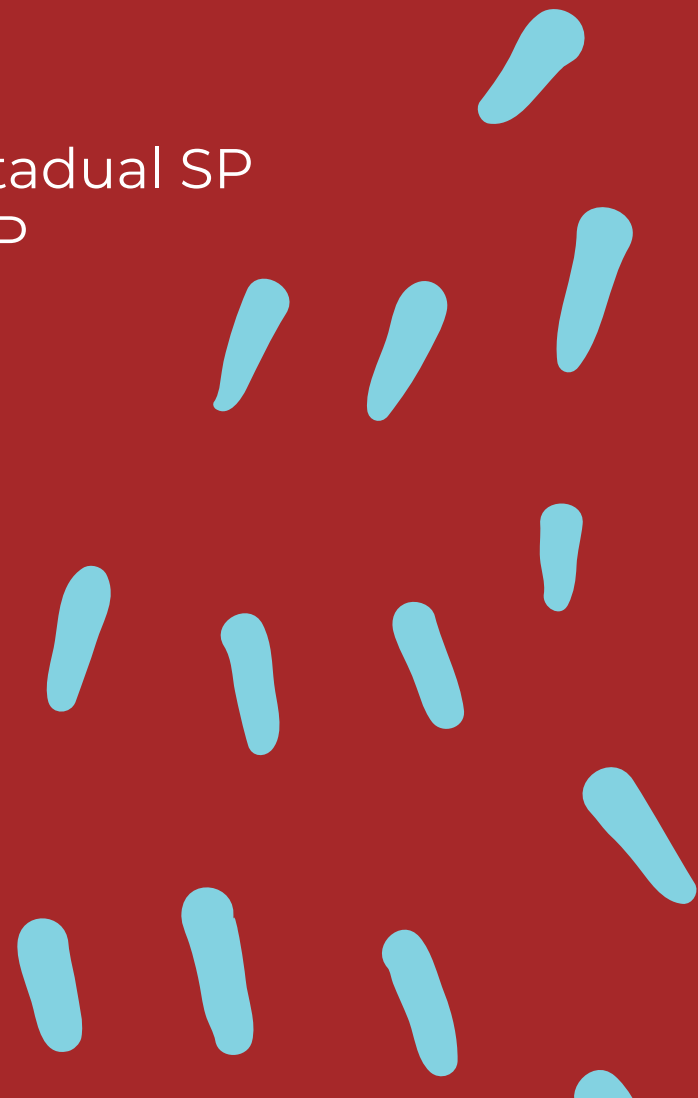
Sindicato dos Metalúrgicos do ABC

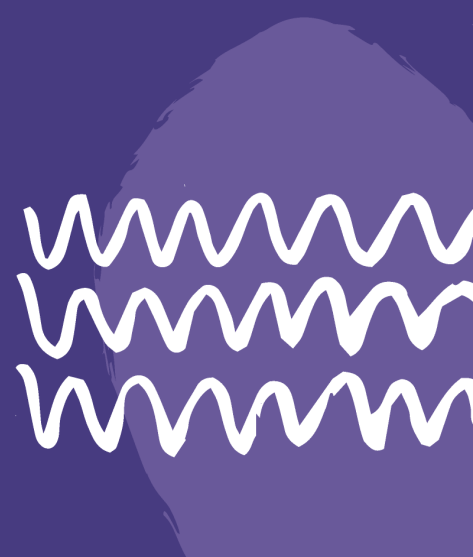
Sindicato dos Químicos do ABC

Teckne

Vanessa Rossan

VC ARTwork





Realização



CASA NEON CUNHA

Agradecimentos



ABGLT.



Antra

Associação Nacional de Travestis e Transexuais